

TÃO BELA, TÃO DOIDA, TÃO MALVISTA BRASÍLIA

Brasília, não tens culpa de ser tão bela e patética e pungente e doída. Quem disse isso foi Clarice Lispector, em 1974, na segunda vez em que veio à cidade. Adjetivos que, 24 anos depois, ainda se aplicam com vigor.

Bela porque cravada mais perto do céu e desenhada como uma imensa maquete de obra de arte.

Patética porque acomoda uma concentração de renda abissal. No Lago Sul, 65% da população vive largamente com renda mensal superior a 40 salários mínimos (R\$ 4,480, à época da pesquisa da Codeplan). Ao lado, no Paranoá, 32% sobrevivem com renda mensal de até dois

salários mínimos.

Pungente porque rouba, fere, violenta, mata, carboniza com uma brutalidade que devora o sonho da qualidade de vida nas quadras arborizadas, que deveriam ser tranquilas e protegidas do medo. Nos dois primeiros meses deste ano, foram quase duas mortes por dia. No ano passado, o número de roubos aumentou 34% em relação ao ano anterior. O de furtos, 24%, o de estupro, 7%, e o de homicídios, 3,8%.

Doida porque há algo de ensandecido num reino construído em pouco mais de quatro anos. Loucos aventureiros aqueles primeiros mil trabal-

hadores que chegaram à cidade em dezembro de 1956 (dois anos depois, já eram 35 mil). Malucos os primeiros moradores das superquadras, que suportaram mais de duas semanas sem uma gota d'água nas torneiras.

Tão doída que deixou Yuri Gagarin pasmado:

—“A idéia que tenho, presidente, é que estou desembarcando num planeta diferente”, afirmou o primeiro astronauta a subir ao espaço, para um Juscelino Kubitschek embevecido com a própria criação.

Clarice se perguntava, 24 anos atrás, “como será quem nasce em Brasília quando crescer e virar homem?”. Havia algo de otimismo na inquietação: “Futuro faiscante como aço. Se eu ainda estiver viva, aplaudirei o produto estranho e altamente novo que surgirá.”

Ainda não se sabe, ao certo, dona Clarice, quem é esse cidadão

“AO COMPLETAR 38 ANOS, A CAPITAL DO PAÍS DIGLADIA-SE COM OS PROBLEMAS DE UMA CIDADE MADURA SEM AINDA TER FIRMADO UMA IDENTIDADE NÍTIDA”

brasiliense e ele já está no auge da maturidade, mas não se mostrou com nitidez. Podem ser os que matam índio, Ana Lúcia, Mário Eugênio — de teríveis dores que se fundaram na alma de quem ama esta cidade. Mas há os que cantam, compõem, dão duro, se solidarizam e constroem.

Lá fora, se confunde o endereço do poder com a cidade que o aloja. Acredita-se que a cidade é dominada por uma corja de corruptos, por uma legião de funcionários públicos incompetentes, e por guangues de classe média e rica que se divertem atizando palitos de fósforo em pele de gente.

Cidade malvista e malquista em

seu próprio país, Brasília vai às férias envergonhada. Tão logo se identifica, o turista brasiliense tem de explicar que não é bem assim, que a cidade não é só os três poderes, que os políticos vêm de fora. Carrega-se o peso de morar em Brasília — que diabos há de diferente entre morar aqui ou no Rio, São Paulo, Salvador, Manaus? As feridas se parecem, algumas estão até mais putrefatas.

Filha nova, bonita, de arquitetura reverenciada no mundo inteiro, Brasília ainda não sabe bem de si. Digladia-se com os problemas de uma cidade madura quando, na cronometragem dos grandes aglomerados ur-



banos, ainda está na primeira infância.

Clarice Lispector esteve duas vezes em

Brasília, em 1962 e em 1974. Nas duas, escavou em si mesma — como lhe era próprio — impressões, sentimentos, estupefação diante da “sin-taxe difícil” da cidade.

Essa gramática, dona Clarice, teve, tem e terá de ser construída no dia após dia, por aqueles que amam essa combinação de diferenças às vésperas dos 40 anos. O que faz uma cidade não são somente os que nela moram, são os que com ela têm compromisso, os que a ela se dedicam, os que por ela têm ternura, por ela esbravejam, nela imaginam a velhice.

É preciso terminar com Clarice: “Brasília é um olho azul cintilante que me arde no coração.”